

# DIF

65

MARÇO 2009



# ZOETROPE

O coreógrafo Rui Horta juntou-se aos Micro Audio Waves para a concepção de um espectáculo multimédia sem precedentes. Um estudo que levou cerca de seis meses para aprofundar questões sobre o movimento, o corpo, a música e a tecnologia. Ao longo do ano Zoetrope vai percorrer o país, mas antes a banda e o coreógrafo aceitaram o convite de explicar as directrizes deste projecto.

Texto e Fotos: Nuno Moreiraa

Em que consistiu o processo de trabalho em conjunto?  
 Rui Horta – O primeiro passo foi conhecermos. Portanto, aproximamo-nos durante um longo período de tempo através de inúmeros repastos. Fomo-nos conhecendo e criámos uma espécie de diapasão para afinarmos o tom entre todos.  
 Carlos Morgado – Eu engordei três quilos (risos).  
 RH – ... E assim começámos a perceber o que nos interessava, e a certa altura estás num universo que faz sentido para ti e a falar das preocupações, por exemplo, o Flak falava muito sobre temas como a percepção, manipulação de informação por parte dos media, etc..

Foi logo claro as ideias e conceito com os quais queriam trabalhar?

RH – Não. Mas, veio naturalmente...

Cláudia Efe – De início, falámos sobre imensos assuntos, trocámos alguns livros, imagens, mails, links do youtube... Começámos a perceber que a tecnologia estava muito presente entre nós e foi um ponto de partida para tudo.

RH – No fundo, fomos à procura do princípio da tecnologia na representação de imagem e de repente aparece o cavalo de Muybridge, e isso é de algum modo um universo que nos agradou a todos. A Cláudia estava interessada neste tipo de mecanismos, de bonecas mecânicas, e inclusive já tinham escrito um texto e música sobre este assunto. Na prática, do que estamos a falar é de uma linha que acompanha o início do cinema e da fotografia, o final do século XIX e vais por aí fora até ao século XXI em que entras no fenómeno digital, no tempo real, nas aplicações informáticas, multimédia, etc.. Mas, ao mesmo tempo existe o ser humano que acompanha este percurso e que está sempre presente e está extasiado com estas tecnologias. E eles usam essas tecnologias no palco como músicos, eu utilizo como coreógrafo, portanto havia aqui um denominador comum. Mas, este é também um espectáculo sobre a curiosidade humana, o homem como ser curioso, programado para descobrir, programado para vencer fronteiras e ultrapassar etapas.

Então podemos considerar Zoetrope um espectáculo conceptual?

RH – Acho que sim. Digamos que não é um espectáculo conceptual naquilo que tu associas à



forma tradicional. É um espectáculo com um conceito forte, mas na sua forma tem uma grande abertura e iluminação, é uma grande exploração. É um espectáculo que não te remete para uma visão única, mas que pelo contrário te abre portas.  
 Flak – No fundo, é uma viagem na primeira pessoa que nós estamos a viver enquanto performers no palco. Porque estamos dentro do filme. É uma viagem de cerca de 75 minutos em que desde o começo até ao último movimento estamos a desempenhar funções muito específicas, a transmitir emoções, sobretudo a Cláudia que é a linha condutora ao longo de toda a obra.

E em que consiste essa linguagem que criaram entre música e multimédia?

RH – Eu entusiasmei-me enormemente pelo lado multimédia deste projecto. Na prática, fiz um trabalho muito mais exuberante do que faria com um espectáculo de dança. Tem um lado muito grande de investigação e para além disso tem um grande power em palco - temos imagem gráfica, imagens em tempo real (digitais) criadas com uma aplicação informática feita mesmo por nós, temos imagens de cine-



ma, realização, clip... Há uma linguagem muito de vídeo, com uma edição de imagem muitíssimo forte que é o trabalho do Edgar Alberto, mas também existe um trabalho em tempo real que é feito pegando em imagens que estão a acontecer em palco e com sensores recortares essa imagem e lançares sobre um plano de fundo diferente. Existe uma colisão de tecnologia que é muito complexa, mas que quando tu depois a vês no espectáculo resume-se sempre ao corpo. Nada do que lá está não existe. Isto é, tudo o que ali está existe... É como pões um corpo numa mesa de operações e andas ali a remexer e a analisar com o corpo ligado a várias máquinas, mas é sempre aquele corpo. A dissecação daquele corpo.

Sentem falta deste tipo de fusões a nível nacional, isto é, um coreógrafo e uma banda juntarem esforços com um mesmo objectivo?  
 CM - As pessoas ficam um bocado fechadas, sentem que há falta de oportunidades. Tenho muitos amigos que estão a trabalhar nos estúdios deles, a fazer coisas, mas não saem cá para fora. E isto é algo que tem de se contrariar. Temos de comunicar mais uns com os outros para que com a experiência de cada um se consiga fazer mais, e mais coisas diferentes.

Há intenções de registar o espectáculo em CD ou DVD?  
 F - Vai ser gravado o espectáculo na Culturgest para um DVD. E depois deve sair antes do Verão, mas seguramente este ano.

